

Polidez e impolidez em charges políticas

Politeness and impoliteness in political cartoons

Adriana Regina Dantas MARTINS (UFC)
adriana.martins2004@gmail.com
Maria Elias SOARES (UFC)
melias@ufc.br

Recebido em: 20 de jan. de 2022.
Aceito em: 02 de mar. de 2022.

MARTINS, Adriana Regina Dantas; SOARES, Maria Elias. Polidez e impolidez em charges políticas. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2421, p. 155-172, outubro/2022. DOI: 10.22168/2237-6321-2421.

Resumo: A polidez pode ser considerada uma *estratégia* para que as interações entre os atores sociais transcorram de forma harmônica e equilibrada. Os comportamentos impolidos são evidenciados em relação aos atos polidos. Em muitas interações, porém, perceber se um termo é polido ou impolido não depende apenas de fatores linguísticos, mas dos elementos situacionais e dos atores engajados na interação. Nesse sentido, neste artigo, objetivou-se analisar a polidez e a impolidez em duas charges políticas. Para fundamentar a pesquisa, baseamo-nos, especialmente, em Brown e Levinson (1987), Leech (1983) e Culpeper (1996), tomando, como categoria de análise, as estratégias *off-record* de Brown e Levinson. As análises indicaram que a polidez e a impolidez são notórias nas charges, mesmo sendo as categorias de análise classificadas pelos autores da teoria da polidez como estratégias *off-record* de polidez. Por conseguinte, os resultados revelaram a importância de aprofundar as reflexões sobre a polidez e a impolidez para perceber que o que é polido ou impolido pode emergir a partir da situação comunicativa, como aconteceu nas charges políticas analisadas.

Palavras-chave: Polidez. Impolidez. Charge.

Abstract: Politeness can be considered a strategy for ensuring that the interactions between social actors run smoothly and evenly. On the other hand, impolite behaviors are evidenced in relation to polite acts, however, in many interactions, noticing whether a term is polite or impolite depends not only on linguistic factors, but on the situational elements and on the interactants engaged therein. In this sense, this article aimed to analyze the politeness and impoliteness in two political cartoons. As an analysis category, some categories of off-record strategies by Brown and Levinson were listed to compose the methodological framework. To support the research, we based on the following authors: Brown and Levinson (1987), Leech (1983), Culpeper (1996), among others. The analyzes indicated that politeness and impoliteness are visible in the cartoons, even though the categories of analysis are classified by the authors of the theory of politeness as off-record politeness strategies. Therefore, the results revealed the importance of deepening the reflections on politeness and impoliteness in order to realize that what is polite or impolite can emerge from the communicative situation, as happened in the analyzed political cartoons.

Keywords: Politeness. Impoliteness. Cartoon.

Introdução

A polidez linguística manifesta-se, de forma genérica, por meio de estratégias linguísticas que o falante utiliza para poupar ou valorizar seu parceiro de interação (BROWN; LEVINSON, 1987). Cada prática comunicativa é um momento singular que apresenta interagentes conscientes do contrato comunicativo do qual fazem parte, contrato este que é também determinado pela situação social em que estão inseridos. Nesse aspecto, estar consciente não significa que tudo já está estabelecido, pois a interação é dinâmica. Nas interações, *termos impolidos* podem ser tomados como polidos, devido ao contrato e ao contexto interativo, como, por exemplo, o das batalhas de rimas de Mestre de Cerimônia (MC), relatadas na pesquisa de Oliveira e Cabral (2020). As autoras informam que as batalhas são um gênero discursivo, de origem afro-americana e latina, em que os participantes produzem rimas musicais espontâneas em um engajamento comunicativo criativo, atacando a face do outro. Isso posto, a intenção não é ofender, é atender às expectativas de quem participa de uma batalha como essa.

As categorias da Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987), e as da Impolidez, de Culpeper (1996), respaldam teórica e metodologicamente trabalhos em diversas áreas, aplicados a diferentes gêneros. Para este trabalho serão utilizadas algumas categorias *off-record* da teoria da polidez de Brown e Levinson (1987), com o intuito de verificar as marcas de polidez e de impolidez em textos verbais e não-verbais, a partir da análise de duas charges políticas, disponíveis

na internet, que foram produzidas ou publicadas no ano de 2020. Para fundamentar as discussões e reflexões, tomamos por base Leech (1983), Brown e Levinson (1987), Culpeper (1996), Watts (2003) e Kerbrat-Orecchioni (2006).

Este trabalho está dividido em quatro seções, além desta introdução. A primeira, que trata dos apontamentos teóricos das teorias da polidez, da impolidez e das considerações sobre o gênero charge; a segunda, que apresenta as escolhas metodológicas e as categorias de análise; a terceira, que retrata as reflexões sobre as análises das duas charges políticas e, por fim, a conclusão do artigo.

Os estudos sobre a Polidez e a Impolidez linguística

Os estudos sobre a polidez linguística seguem o viés da Pragmática, considerando-se que se inspiram na teoria dos atos de fala de Austin (1975) e no princípio de cooperação de Grice (1975). Brown e Levinson publicam sua teoria da Polidez, em 1987, e contribuem de forma significativa para os estudos sobre a polidez linguística. É nos rituais de interação, sejam presenciais ou não, que todo ator social se inscreve, em uma aventura de constante aproximação e distanciamento com o outro interlocutor. Nesse movimento de idas e vindas, dependendo dos atos de fala que são proferidos e como o são, o equilíbrio da interação pode ser comprometido.

Para explicar os rituais de interação, Brown e Levinson (1987) postulam a noção de atos ameaçadores de face (Face-threatening acts, doravante FTAs), que desestabilizam a comunicação. Para os autores, os FTAs, que são potenciais geradores de conflito, podem ser minimizados por expressões linguísticas, consideradas polidas na cultura em que ocorrem.

Na teoria da polidez de Brown e Levinson (1987), cada ser social possui duas faces: a negativa (que significa os territórios do eu, os saberes secretos) e a face positiva (que corresponde ao conjunto de imagens que os interlocutores constroem de si e que tentam impor durante a interação). Com a noção de FTAs, Brown e Levinson (1987) defendem que, em qualquer interação, quatro faces são postas em presença e que, no decorrer dessa interação, os interlocutores são levados a realizar certo número de atos verbais e não verbais que, para esses autores, são atos que *ameaçam as faces* (grifo nosso). Brown e Levinson (1987) consideram que um ato ameaçador de face não é uma ação, mas a verbalização de uma ação, que pode se expressar em forma

de opinião, de sentimento, de juízo, que possa colocar o outro em situação de ameaça de face.

Segundo Brown e Levinson (1987), dentro de um contexto interativo, em que as faces tanto positivas quanto negativas estão em constante processo de preservação e de exposição, a polidez atua equilibrando a interação. Para colocar em prática a polidez nos atos comunicativos, o participante leva em consideração três intenções: a) de comunicar o conteúdo de um ato ameaçador de face; b) de ser eficiente; c) de manter a face de seu interlocutor em alto grau. Baseado nessas intenções, o participante poderá utilizar algumas estratégias de enunciação, que são: modo *on-record*; modo *off-record* e modo *bald-on-record* (BROWN; LEVINSON, 1987).

O modo *on-record* é uma estratégia utilizada quando o participante tem a intenção de se comprometer e de se responsabilizar pela enunciação de um ato ameaçador de face.

O modo *off-record* está ligado à intenção do participante de evitar qualquer tipo de interação com o interlocutor e com aquilo que está enunciando. Essa é uma maneira de não se responsabilizar ou se comprometer pela enunciação de um ato ameaçador de face, pois não houve um comprometimento público (BROWN; LEVINSON, 1987).

O modo *bald-on-record* constitui-se na urgência da enunciação. Em outras palavras, o participante tenta retratar o modo particular como a mensagem foi endereçada, em muitas situações, em tom seco, rude e até *despudorado*. Essa estratégia garante que o ato seja claro, conciso, objetivo e, principalmente, sem ambiguidades. Os imperativos são um bom exemplo desse recurso enunciativo (BROWN; LEVINSON, 1987).

Brown e Levinson (1987) concebem os questionamentos e pedidos como estratégia suavizadora de face, mas perguntas e solicitações podem também ser compreendidos como uma estratégia *on-record*, direcionada à face negativa: *seja convencionalmente indireto*. Perguntar, por exemplo, se pode usar um objeto de alguém resulta, em determinados contextos, em uma forma de coagir essa pessoa a emprestar o objeto. Por outro lado, é possível também compreender uma pergunta como estratégia *off-record*: *seja irônico*. Essa estratégia, porém, só pode ser compreendida como tal se os participantes da interação entenderem a pergunta como uma maneira de expor a face do outro, de modo que negar o pedido não seja uma opção polida. Nesse sentido, considerando a estratégia *seja irônico*, fazer uma pergunta pode significar um ato de impolidez (BROWN; LEVINSON, 1987).

Silva (1995) ressalta que, na Grécia antiga, nos verbetes de dicionário, a ironia socrática estava ligada à ação de perguntar figurando indelicadeza. Na visão desse autor, esta é uma perspectiva reducionista, pois também há ironia em afirmações, em negações e em elogios. Considerar a ironia apenas como ação comunicativa se distancia dos que a compreendem como algo pré-discursivo (concepção de mundo, sentimento, ponto de vista etc.). Para Humbert (1967, p. 90, *apud* SILVA, 1995, p. 248), “[...] a ironia é a forma que assume o sentimento de inconsciência de Sócrates, é logicamente anterior a qualquer processo dialético.”

Lear (2011), em sua obra *A Case for Irony*, apresenta uma definição própria para o termo ironia. Para ele, seria a diferença entre o que se pensa e o que realmente se vive. Considerando que a linguagem perpassa a construção de sentido e que o interlocutor declara o que deseja que o outro perceba, Lopes (2009, s. p.) afirma que a ironia

[...] passou de figura de linguagem a estratégia discursiva e argumentativa. Como figura de linguagem, a ironia é vista como uma contradição de algo que se queira dizer. Como estratégia discursiva e argumentativa, a ironia não se dá apenas no nível do enunciado, do dito, mas do ambiente situacional e discursivo no qual interlocutores e enunciações se relacionam, passando de um dito a outro, às vezes menos ou mais implícito ou explícito no produto enunciado. Buscam-se as marcas, as pistas de indicação de uma ironia pelo falante, sobre a qual não se tem garantia de reconhecimento pelo ouvinte.

Nesse sentido, a ironia pode ser vista como elemento linguístico e discursivo e se constrói, de certa forma, como uma inversão da essência do que se quer dizer. Ao se analisar o discurso irônico em gêneros como a charge, assume-se que o leitor constrói o sentido por intermédio do signo verbal e não verbal, assim como por meio do humor, que é um dos constituintes importantes do discurso irônico. Desse modo, para compreender a polidez na charge, é preciso articular todos os elementos disponíveis no gênero, os elementos contextuais e os contratuais de comunicação para fazer as articulações para apreensão de sentido.

Em referência aos contratos de comunicação ou de cooperação, para Charaudeau e Maingueneau (2008), estes são concebidos como acordos que organizam as interações dos participantes envolvidos, possibilitando a construção do discurso. O termo que interessa aqui é *acordo* ou *convenção*, não simplesmente no sentido amplo do social, mas, sim, no sentido particular de uma interação com determinados interagentes. O que se quer dizer é que, dentro de um espaço discursivo,

o que é polido ou impolido está além das convenções institucionalizadas das regras de (im)polidez. É o contrato comunicativo entre os participantes em um determinado contexto que vai determinar se um discurso é polido ou impolido, se é ofensivo ou não.

Watts (2003) abordou as dificuldades em elencar critérios para definir o que é educado, pois as pessoas discordam quanto aos termos que podem ser definidos como tal. Na perspectiva desse autor, as pessoas seguem as regras de educação da sociedade onde vivem. Por isso, é válido levar em consideração o contrato de comunicação firmado entre os interagentes no momento da interação (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008). Fora disso, é inautêntico elencar aleatoriamente termos que se estabelecem dentro de uma categoria, como polido ou impolido, em que não se considera o uso, em um contexto específico com determinados interagentes.

Nesse aspecto, Watts (2003) apresenta exemplos de ações que indicam que as pessoas têm concepções diferentes sobre o que é polido. Por exemplo, para alguns, “mostrar respeito aos superiores”, “abrir a porta do carro para uma dama” ou “ser prestativo” são ações socialmente “corretas”, por isso são educadas; para outros, são praticadas apenas por pessoas cultas (WATTS, 2003, p.1). Há também os que consideram o comportamento educado como negativo e rotulam essas pessoas como “arrogantes, insinceras, reservadas” (WATTS, 2003, p.1).

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), a polidez é um conjunto de procedimentos que o falante utiliza para poupar ou valorizar seu parceiro de interação. A autora postula que a polidez é a norma e deixa claro que os comportamentos impolidos são marcados em relação aos comportamentos polidos, enquanto os encadeamentos positivos são mais polidos que os negativos. Na visão da autora, esse ordenamento refere-se ao uso de palavras que valorizam a face positiva do interlocutor, como elogios, por exemplo.

Nesse aspecto, o que seria um comportamento polido? Pensar em uma correspondência automática entre os termos educado/não educado não é exato, no sentido de ser como um par de antônimos (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008). Com efeito, a impolidez é uma gradação complexa da polidez no sentido de que os dois termos não se configuram como opostos. Nesse aspecto, para Culpeper (1996), a impolidez se apresenta quando há um conflito de interesses e não há preocupação em preservar a face do outro, ou seja, qualquer participante, em uma atividade comunicativa, pode ser polido ou impolido dependendo

da situação. Um fator importante é que a impolidez pode ser decorrente da constituição de atos de fala que são proferidos no intuito de ofender, de violentar, sendo alguns aspectos de face mais suscetíveis ao ataque (CULPEPER, 1996).

Para Watts (2003, p. 255), a impolidez “torna-se parte da prática discursiva social através da qual nós criamos, reproduzimos e mudamos nosso mundo social¹”. Nesse aspecto, é importante estudar a impolidez nas situações comunicativas, pois os turnos de fala podem se alternar em atos de fala polidos ou impolidos. Por isso, os atos impolidos também podem ser observados de forma situacional e escalar, no sentido de menos ofensivo para mais ofensivo. Essa escala é avaliada pelos próprios participantes e não há um parâmetro exato de classificação.

Culpeper, Bousfield e Wichmann (2003) argumentam que os atos de fala indiretos (SEARLE, 1969), associados com a estratégia *bald-on-record* da teoria da polidez de Brown e Levinson (1987), ao invés de promoverem a polidez, podem aumentar a impolidez. O argumento básico se fundamenta na evidência de que esses fatores dependem do contexto, do sujeito, das variantes culturais em questão, e, principalmente, da reação do ouvinte. Se a reação do ouvinte é o termômetro para a escala de um ato impolido, as enunciações discursivas em termos de violência são questionáveis, pois pode ser que a intenção não seja a de ofender, mas isso não é garantia de que um determinado ato não ofenda. Atos irônicos/sarcásticos, mesmo proferidos de forma jocosa, são impolidos ou até ofensivos/violentos, como em algumas charges, por exemplo.

Sobre a intencionalidade, Haugh (2007) não concorda em reduzir o papel que as intenções desempenham na interpretação das estratégias de polidez/impolidez e afirma que o direcionamento para o uso da linguagem está relacionado com a intenção de dizer algo. Nesse sentido, as intenções podem ser observadas como um recurso participante da disputa de como os significados são construídos no momento da interação. Por exemplo, só é possível perceber o discurso irônico das charges como polido ou impolido a partir da apreensão do significado pelo leitor.

¹ Texto original: “(Im)politeness then becomes part of the discursive social practice through which we create, reproduce and change our social worlds” (WATTS, 2003, p. 255, tradução nossa).

O gênero charge

A charge é um gênero do discurso que tem certa estabilidade e apresenta, como característica, elemento não verbal, ironia, crítica a algum tema e um viés de humor. As charges são ilustrações, de cunho crítico político-social, que podem, ou não, ser acompanhadas de texto. Uma de suas características é a temporalidade, questão esta que exige do leitor atualização constante sobre as notícias que acompanham a informação veiculada nesse gênero.

O termo charge é francês, vem de charger, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. [...] Ela é o local escolhido pela ironia, pela metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, para atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia. (SILVA, 2004, p. 13).

Na citação de Silva (2004), afirma-se que a compreensão da charge está pautada nas memórias coletivas compartilhadas, e que os personagens são como caricaturas que, de alguma forma, representam o que se deseja informar, podendo ser a imagem do próprio sujeito da notícia ou de alguma característica que o qualifica. Nesse aspecto, algumas charges são bem específicas de uma determinada área jornalística. As charges esportivas são um bom exemplo disso. Os times de futebol podem ser representados pelo símbolo, pelos jogadores, pelo técnico, pela mascote, pela cor do clube etc.

O discursivo e o ideológico são fatores importantes para se refletir de forma crítica sobre questões sociais e políticas que merecem ser discutidas. No contexto atual, nos diferentes meios de comunicação, são apresentadas várias formas de protesto e de crítica. Cada autor de produção, seja por intermédio da charge ou de outro gênero, vale-se de argumentos para convencer o seu interlocutor do conteúdo da sua crítica. Além disso, a crítica pode se construir por meio do humor, da exposição da face do outro, da ironia, da sátira etc., utilizados para aceitar o que está sendo representado ali.

Além disso, na charge se exibem discursos que muitas vezes não estão explícitos. Nesse aspecto, captar a ironia presente na charge pode não ser algo imediato, devido ao grau de conhecimento sobre o tema ou contexto situacional. Outra questão diz respeito ao suporte

em que a charge está circulando, pois muitas delas são inseridas em outros gêneros, como reportagens, ou suportes, como o jornal, por exemplo. Isso denota que pode haver relação intertextual com outros textos que são compartilhados socialmente. Para isso, o interlocutor aciona conhecimentos linguísticos, semânticos, pragmáticos e situacionais.

A charge é um gênero que faz parte da história e da cultura de um povo e a sua recepção pelo interlocutor está atrelada à memória social que é mobilizada no ato da interação e possibilita a construção dos sentidos. Congruente com esse aspecto, Oliveira (2001, p. 265) afirma que:

[...] os textos chargísticos constituem, por isso, uma vasta memória social, sem a qual não poderia haver História, que só se constitui pelo discurso. E ainda: o que merece destaque, porém, é a imprescindível relação do fato histórico com o texto chargístico, este, por recuperar aquele, torna-o memorável.

Nesse sentido, o leitor da charge precisa considerar o humor, o conteúdo verbal e o não verbal para construir sentido. Esses elementos associados à ironia constituem os textos que circulam na sociedade. Por sua vez, cada um desses textos estabelece relação com um momento histórico, cultural e situacional.

Metodologia

Como delimitação do universo, que se refere ao gênero charge, disponível na internet, foi feito um recorte temporal, o ano 2020, e temático, a charge sobre política. A escolha desse tema de pesquisa se justifica pela importância de discutir marcas de polidez e de impolidez em um gênero que acompanha as movimentações sociais atuais. As charges combinam o texto verbal e o não verbal na construção de sentido e são amplamente consumidas por diferentes tipos de público – adultos, jovens e crianças, e diferentes objetivos, como o de denúncia social, por exemplo. O que está em pauta, em diferentes aspectos, é combinado em gêneros, como forma de denúncia e de crítica.

Para este estudo, foram selecionadas apenas duas charges, devido à limitação do número de páginas definido pela organização do volume da Revista. A charge 1 está disponível no site de notícia *O Brasil de Fato (BdF)*; já a charge 2 está disponível na página *BHAZ*, na coluna do cartunista Bruno Lanza.

O procedimento de coleta de dados consistiu em pesquisas em páginas disponíveis na internet, a partir das palavras-chave: “charge” e “política”, e filtro temporal: 2020.

Para a análise dos dados, serão utilizadas as categorias indicadas no Quadro 1, baseadas nos estudos da polidez *off-record*, de Brown e Levinson (1987).

Quadro 1 – Categorias de análise.

Categorias de análise		
Off-record: estratégias de polidez linguística		01 – Faça insinuações
		02 – Forneça pistas associativas
		05 – Exagere
		07 – Use contradições
		08 – Seja irônico
		09 – Use metáforas
		10 – Use questões retóricas

Fonte: As autoras.

A partir das categorias acima mencionadas, os dados serão analisados seguindo uma abordagem qualitativa e interpretativista das duas charges selecionadas na internet, considerando os estudos dos autores das teorias da polidez e da impolidez abordados no referencial teórico.

Análise e discussão dos resultados

A análise de dados considerará separadamente a charge 1 e a charge 2, com o intuito de organizar melhor as reflexões, levando em conta as categorias apresentadas na metodologia e a exposição sobre a polidez e a impolidez.

Charge 1

A charge 1, disponível na página *Brasil de Fato* (PITASSE, 2020), está atrelada à reportagem de Mariana Pitasse, do dia 17 de junho de 2020. A matéria intitulada *Com tantos absurdos, fazer charge ficou mais fácil e arriscado* é um trecho da entrevista do cartunista Vitor Teixeira, que teve sua página do Facebook bloqueada, devido a várias denúncias de

grupos de internautas sobre o teor de afronta ao presidente da República do Brasil, que é apresentado em suas charges.

Figura 1 – Charge 1



Fonte:² Disponível na página Brasil de Fato (PITASSE, 2020), na coluna da cartunista Mariana Pitasse.

A charge selecionada é composta por trecho verbal e não verbal, simulando uma interação entre o presidente da República e o povo brasileiro. A figura do presidente, no lado esquerdo da charge, é representada pela composição do corpo de um homem usando terno, gravata e faixa presidencial, com a cabeça de um equino (jumento, asno, cavalo); o povo, no lado direito, é representado por vários pontos salpicados no mapa do Brasil.

O texto verbal é enunciado por ambos os personagens. A figura do presidente pergunta: “Querem que eu faça **O QUE?**” [sic]; a representação do povo responde: “**MORRA**”. Considerando a característica do gênero, as marcas de entonação linguística estão ressaltadas pela linha sinuosa que liga o mapa ao balão de fala, para expressar que as pessoas dos diferentes locais do Brasil estão gritando em uma só voz. Também são destacadas, por marcas tipográficas, nesse caso, uso de maiúsculas, negrito e sublinhado. Como elemento paralinguístico, na expressão facial do equino, é demonstrado forte sentimento de irritação.

Considerando as categorias de análise, pode-se observar que aparecem as categorias: **01** – Faça insinuações, **02** – Forneça pistas associativas, **05** – Exagere, **07** – Use contradições, **08** – Seja irônico, **09** – Use metáforas.

² Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/17/com-tantos-absurdos-fazer-charge-ficou-mais-facil-e-tambem-arriscado-diz-cartunista>> Acesso em: 11 jul. 2021.

A fala da figura que representa o presidente, nas categorias **01** e **07**, demonstra que ele indiretamente solicita ao povo que se coloque na posição dele, insinuando que ele já tem feito todo o possível para combater o impacto da pandemia, o que se configura como uma contradição, considerando a posição social que ocupa. Em outras palavras, o presidente é a autoridade máxima de uma nação, do que se infere que é ele a pessoa que deve resolver os problemas do país. Em contrapartida, a fala do povo se enquadra nas categorias **05**, **02** e **09**. Em **05** (exagere), é demonstrado o exagero na expressão da palavra **MORRA** como sendo o sentimento de todos os brasileiros, mas esse não é o sentimento dos simpatizantes do governo Bolsonaro. Além disso, desejar a morte de alguém é um sentimento bastante exagerado e violento, que fere os princípios da polidez linguística no aspecto comunicativo e no âmbito da moral e da religião. Dizer isso a alguém é visto como impolido, porém, no contexto social atual, não se sabe ao certo se os participantes engajados nessa interação percebem esse ato de fala como impolido, ou, se sim, em que escala de impolidez. Por outro lado, pode ser observado o uso desse tipo de palavra como pista associativa aos sentimentos de revolta, de injustiça e de dor, devido à quantidade de pessoas que têm morrido diariamente por causa da pandemia. Na categoria **02**, o cartunista associa a pessoa do presidente ao quadrúpede, por intermédio do segmento não verbal, valendo-se, assim, da estratégia **09**, que se configura como uma afirmação metafórica de que o presidente é propriamente o animal.

Culpeper (1996) argumenta que qualquer participante em uma atividade comunicativa pode ser polido ou impolido, dependendo da situação. A impolidez pode se apresentar quando há um conflito de interesses e não há interesse em preservar a face do outro. Um fator que é preciso considerar é que a impolidez pode ser a constituição de atos de fala que são proferidos no intuito de ofender, de violentar e alguns aspectos de face são mais suscetíveis ao ataque, como nesse caso, em que o presidente da República se mostra desacreditado pela forma como gerencia o caos na pandemia e como responde às críticas sociais por intermédio dos meios de comunicação.

Considerando a fala da figura que representa o presidente, a estratégia **08** (seja irônico) marca o enunciado: “*Querem que eu faça O QUE?*”. Para Leech (1983), a ironia é *mock-politeness*, que significa ser aparentemente polido, quando na verdade se é ofensivo. Essa prática

é muito comum em interações comunicativas, pois os participantes se valem de recursos irônicos para suavizar um enunciado ofensivo. Em tese, tal prática não deve ser levada a sério, porém não é o que acontece na charge, pelo menos não exatamente no sentido de Leech (1983). Como mencionado na discussão teórica, para Brown e Levinson (1987), a pergunta pode se configurar como suavizadora de um ato ameaçador de face, mas, ao contrário, a pergunta pode ser um ato constrangedor e até ofensivo, como acontece na charge, quando a figura do presidente diz que não pode fazer nada. Aqui, observamos também a categoria **10** (use questões retóricas), pois o intuito da pergunta não é obter uma resposta, mas reforçar a ideia de que o presidente não tem capacidade para resolver a situação.

Nesse sentido, Grice (1983) pontua a ironia como uma implicatura conversacional, pois exige do participante da interação a ação mental para conseguir calcular o sentido adequado à interpretação da conversa. Nas práticas comunicativas, há uma questão que foge aos parâmetros do princípio³ da polidez de Leech (1983), que são as violações causadas pelos enunciados irônicos ou sarcásticos que trabalham em direção contrária. Culpeper (1996) entende que o sarcasmo é muito próximo da definição de ironia de Leech (1983) e afirma que, se o falante ofender, de forma que não entre em conflito com o princípio da polidez, pelo menos deve permitir ao ouvinte alcançar a ofensa, por intermédio de uma implicatura⁴. Isso acontece na charge, em que o povo percebe a pergunta como uma ofensa e responde também de forma ofensiva.

Em síntese, observa-se, de forma geral, que a relação do presidente com muitos brasileiros é conflituosa, e a impolidez se configura claramente como estratégia de marcação de poder. Para Culpeper (1996), em algumas instâncias sociais, a impolidez é uma estratégia de legitimação do lugar social que o indivíduo ocupa. Kantara (2011) afirma que esse poder é legitimado quando alguém tem a liberdade de ação de alcançar os objetivos estabelecidos para um interlocutor específico, que é o caso da figura do presidente.

³ Leech (1983) parte do pressuposto de que a interação é regida por normas que variam segundo as metas comunicativas de seus interlocutores, que para ele não são falante e ouvinte, mas sim *self* e outro.

⁴ Texto original: "If you cause offence, at least do so in a way which doesn't overtly conflict with the PP [Politeness Principle], but allows the hearer to arrive at the offensive point of your remark indirectly, by way of implicature" (LEECH, 1983, p. 82).

Charge 2

A charge 2, publicada no dia 15 de maio de 2020, está disponível na página BHAZ (LANZA, 2020), na coluna do cartunista Bruno Lanza. A charge faz menção à reportagem de Vitor Fórneas⁵, sobre a saída do ex-ministro da saúde, Nelson Teich, do Ministério da Saúde, no governo do presidente Jair Bolsonaro. O ministro não explicou a motivação de sua saída, mas, na reportagem, especula-se que tenha sido devido à polêmica sobre o uso do medicamento Cloroquina.

Figura 2 – Charge 2



Fonte⁶: Disponível na página BHAZ, na coluna do cartunista Bruno Lanza.

A charge selecionada representa dois personagens: à esquerda, no fundo da imagem, a figura do presidente Bolsonaro ajoelhado com os braços levantados e olhos fechados, como se estivesse em postura de adoração ao medicamento Cloroquina, que é representado por uma caixa tamanho gigante, posicionada sobre uma mesa, como se fosse um altar. À direita, na frente da imagem, destaca-se a figura caricatural do médico e ex-ministro da saúde, Nelson Teich. Ele está em movimento, como se estivesse saindo da cena, carregando uma caixa com tubos de ensaio e outros objetos utilizados em laboratório para realização de algum experimento científico. No meio da cena, entre os dois personagens, são apresentados vários cacos provenientes de tubos de ensaio quebrados, líquidos derramados nas cores verde, laranja e rosa e papéis de anotações espalhados pelo chão.

⁵ Disponível em: <<https://bhaz.com.br/tecih-pronunciamento-saida/>> Acesso em: 11 jul. 2011.

⁶ Disponível em: <<https://bhaz.com.br/claro-qui-nao/#gref>> Acesso em: 11 jul. 2021.

O texto verbal é expresso apenas pelo médico, apresentado com uma feição de cansaço e de desânimo, que profere: “**CLARO-QUI-NÃO** dá pra ficar aqui nessa **MALUQUICE!**”. O cartunista faz um trocadilho com a palavra Cloroquina e a expressão “claro que não”, para reforçar o sentimento negativo ao uso do medicamento.

Possenti (2010) afirma que a compreensão da charge está pautada nas memórias coletivas compartilhadas, e que os personagens são como caricaturas que, de alguma forma, representam o que se deseja informar, podendo ser a imagem do próprio sujeito da notícia ou alguma característica que o qualifica. Na charge, a pessoa do presidente é caracterizada pelo cabelo, pelo traço do rosto e pela faixa presidencial; o ex-ministro, pelo estilo do cabelo, pelas olheiras de cor escura, o corpo esguio e os traços do rosto.

A memória coletiva também se refere ao conhecimento sobre a discussão social em torno do uso da Cloroquina como tratamento preventivo contra a Covid-19, pois não há comprovação científica sobre a eficácia desse remédio. Nesse sentido, o conhecimento da importância que o presidente atribui ao medicamento é fator importante para a construção do sentido. De forma metafórica, na estratégia **09**, a face do presidente é exposta e a atitude dele é indiretamente diagnosticada pelo médico como maluquice. Por dedução, pode-se inferir que o *presidente é maluco*. Isso se configura como uma estratégia impolida para descaracterizar a confiabilidade nas ações e nas opiniões do presidente. Com efeito, as estratégias **01** (faça insinuações) e **02** (forneça pistas associativas) se unem para reforçar a ideia que associa as ações do presidente a alguém que é maluco, ou seja, incapacitado para tomar decisões razoáveis. O razoável seria acreditar na ciência que, ao longo da história, se estabelece como instituição que se vale da verificação e da validação de um determinado produto por intermédio de um método precisamente controlado. Na charge, a presença dos tubos de ensaio com seus respectivos conteúdos e anotações denota que alguém estava se valendo da ciência para validar algo; por associação, seria a pessoa do médico (ministro). Porém, a cena de destruição desse laboratório marca a importância que a figura do presidente confere ao fazer científico. Além disso, reforça o caráter subjetivo da opinião dele sobre o uso da Cloroquina. As pistas são apresentadas pela postura do presidente diante do medicamento e pela postura do médico ao sair de cena e proferir a palavra **maluquice**, que se configura como sinal de desaprovação ao que estava vivenciando. Além disso, os objetos quebrados e espalhados no

chão denotam o descontrole de alguém, que decidiu quebrar objetos ao ser contrariado, e representam metaforicamente um ataque à ciência. Aqui, mediante o enredo social da relação entre o presidente e os ministros da saúde exonerados, a ideia associativa que se constrói é a de que o presidente não valoriza a ciência e nem a opinião médica, uma cena que chega a ser irônica.

Para Attardo (2009), o termo ironia é utilizado para descrever um fenômeno linguístico (ironia verbal) e um fenômeno situacional. De forma particular, na categoria **08** (seja irônico), a ironia envolve metarrepresentações que estão ligadas à entonação de voz, a elementos sinestésicos (como piscar de olhos) e à intenção do falante. Na charge, as representações são marcadas de forma diferente do que ocorre em textos verbais, por exemplo, de forma que o leitor precisa compreender que a utilização de maiúsculas é uma convenção que indica que o personagem alterou a voz. Além disso, destacam-se as diferentes funções das marcas tipográficas, como o uso da letra maiúscula, do negrito e do sublinhado na fala do médico; o personagem do presidente com olhos fechados, para denotar que ele reverencia o medicamento; além de marcas em torno de algum objeto para enfatizar alguma ação, como o que aparece ao redor da caixa de Cloroquina, para denotar que o remédio é iluminado e está em um patamar dito celestial.

Ademais, Boutonnet (2009) ressalta que, em um enunciado informal, a mudança de estilo formal para informal pode caracterizar um efeito irônico, ou a introdução de uma fraseologia que pertence a outro campo discursivo pode causar algum tipo de ambiguidade. Na charge, as palavras *qui* e *pra* são marcas de oralidade, que podem denotar a proximidade entre os interagentes e, também, uma forma de aproximação com o leitor, no intuito de causar empatia ou efeito de humor.

Conclusão

Considerando o objetivo de analisar a polidez e a impolidez em charges, tem-se que a teoria da polidez trata de um fenômeno linguisticamente pertinente, pois recobre todos os aspectos do discurso que são regidos por regras cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal, que pode ser relativo ao comportamento verbal ou não verbal. O segmento não verbal, presente no gênero charge, por exemplo, ocupa um espaço amplo na sociedade, pois as práticas interativas estão atreladas a contextos cada vez mais dinâmicos e multimodais.

Nesse sentido, a ironia pode ser vista como elemento linguístico e discursivo. Proferir um ato irônico significa mobilizar conhecimentos linguísticos e contextuais para motivar o interlocutor a refletir e a captar o sentido implícito no que está explícito. Ao se mencionar o discurso irônico em diferentes linguagens, em que há a interação do verbal e do não verbal, tem-se que o leitor constrói o sentido por intermédio desses signos e do humor, que é um dos constituintes importantes do discurso irônico.

De forma conclusiva, concorda-se com Kierkegaard (2006), para quem, no ato comunicativo, para que haja comunicação, o interlocutor precisa organizar seu texto levando em consideração se o outro participante da interação é capaz de captar como os elementos são arranjados para expressar um determinado sentido. A construção do sentido pelo interlocutor mobiliza diferentes conhecimentos sobre como as marcas de polidez e de impolidez são percebidas. Nesse aspecto, nas charges analisadas, foram acionadas categorias apresentadas para a exploração do sentido, como a marcação da intenção do autor e a utilização da polidez e da impolidez linguística como estratégia comunicativa.

171

Referências

- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: University Press, 1975.
- ATTARDO, S. Irony. In: MEY, J. **Concise Encyclopedia of Pragmatics**. Oxford: Elsevier, 2009, p. 405-407.
- BOUTONNET, J. Irony: Stylistic Approaches. In: MEY, J. **Concise Encyclopedia of Pragmatics**. Oxford: Elsevier, 2009, p. 408-411.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: University Press, 1987.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CULPEPER, J.; BOUSFIELD, D.; WICHMANN, A. Impoliteness revisited: with special reference to dynamic and prosodic aspects. **Journal of Pragmatics**, Amsterdã, n. 35, p. 1545-1579, 2003.
- CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal of Pragmatics**, Amsterdã, n. 25, p. 349-367, 1996.
- GRICE, H. P. **Logic and conversation**. New York: Cole and Morgan, eds, 1975, p. 41-58.
- HAUGH, M. Intention in Pragmatics. **Intercultural Pragmatics**. Italy, 2008, p. 99-110.

KANTARA, A. Impoliteness strategies in 'House M. D'. **Lodz Papers in Pragmatics**. V. 6, Issue 2, Pages 305-339, February 2011.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

KIERKEGAARD, S. **O Conceito de Ironia Constantemente Referido a Sócrates**, trad. br. de Valls, Petrópolis, Vozes, 2006.

LANZA, B. CLARO-QUI-NÃO. **BHAZ**, Minas Gerais, 15 maio 2020. Colunas, Bruno Lanza. Disponível em: <https://bhaz.com.br/claro-qui-nao/#gref>. Acesso em: 29 set. 2021, 00:49.

LEAR, J. **A case for Irony**. Chicago: Harvard University Press, 2011.

LEECH, G.M. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

LOPES, M. S. de O. A ironia como produção de humor e crítica social: uma análise pragmática das tiras de Mafalda. **Revista (Con) Textos Linguísticos**. Vitória, v. 3, n. 3.1, 2009.

OLIVEIRA, A. L. A. M.; CABRAL, T. A. L. Batalhas de MC: um estudo sobre impolidez e categorização axiológica à luz da pragmática. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1983 -2004, 2020.

OLIVEIRA, M. L. S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. **Letras & Comunicação**: uma parceria para o ensino de língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAIVA, G. M. F. **A polidez linguística em sala de bate-papo na internet**. 2008, 294f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/5879> Acesso em: 29 set. 2021.

PITASSE, M. "Com tantos absurdos, fazer charge ficou mais fácil e arriscado", diz cartunista. Brasil de Fato, Rio de Janeiro, 17 jun. 2020. Política. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/17/com-tantos-absurdos-fazer-charge-ficou-mais-facil-e-tambem-arriscado-diz-cartunista>. Acesso em: 29 set. 2021, 00:52.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

SEARLE, J. R. **Speech acts**: an essay in the philosophy of language. Cambridge: CUP, 1969.

SILVA, M. A. **A ironia de Sócrates nos diálogos de Platão**. São Paulo: Clássica, 1995.

SILVA, C. L. M. e. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas, RGS: UFRGS, 2004.

WATTS, R. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.